

Fragmentos de um discurso fora do eixo

Maria Adélia Menegazzo
UFMS

Resumo

A situação da pesquisa artístico-historiográfica em Mato Grosso do Sul revela um campo ainda pouco explorado, tendo em vista fatores que vão desde a necessidade de profissionais qualificados até a indefinição dos limites do próprio objeto. Apresenta-se uma relação dos trabalhos efetuados, das instituições e pesquisadores envolvidos.

Palavras-chave

pesquisa, história da arte, Mato Grosso do Sul

Résumé

La situation de la recherche histórico-artistique à l'État du Mato Grosso do Sul, Brésil, montre un domaine encore largement inexploré, en vue de facteurs allant du besoin de professionnels qualifiés jusqu'aux définitions des frontières de l'objet lui-même. On présente une relation des travaux effectués, les institutions e les chercheurs impliqués.

Mots-clés

recherche, histoire de l'art, Mato Grosso do Sul

A possibilidade de falar sobre a situação da pesquisa histórico-artística em Mato Grosso do Sul e de como isto contribuiria para a historiografia da arte brasileira permitiu-nos fazer uma série de reflexões a respeito não só do objeto em questão como também das instituições e sujeitos nela envolvidos. Nestes limites, percebemos a existência de barreiras internas e externas que não possibilitam avançar rapidamente sobre questões fundamentais e para que se possa compreendê-las é preciso ressaltar, também, determinadas características que são próprias deste espaço específico.

A primeira delas é a falta de uma tradição em pesquisa fora dos limites dos interesses econômicos regionais. Como se sabe, a vocação agropecuária da região recebe investimentos maciços dos órgãos governamentais e agências de fomento, inclusive daquelas ligadas ao universo acadêmico. Um tímido movimento contrário tem sido feito através da FUNDECT – Fundação para o Desenvolvimento da Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, que divide seus recursos entre as áreas básicas, mas reserva um percentual de 45% para pesquisas ligadas à agropecuária.

Outra característica é o reduzido número de instituições voltadas para o estudo das artes. Mato Grosso do Sul conta com quatro cursos de licenciatura em Artes Visuais e um bacharelado. O primeiro curso superior na área de artes foi criado em 1981, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campus de Campo Grande. Anos depois, foi criado o segundo curso, na cidade de Dourados, na atual Universidade da Grande Dourados – UNIGRAN, instituição privada. Ambos eram cursos de Educação Artística voltados para a formação de professores. Hoje, adotam a denominação Licenciatura em Artes Visuais. O curso da UFMS é o único de funcionamento diurno.

Além desses cursos, o Instituto de Educação Superior da Fundação Lowtons de Educação e Cultura – IESF, entidade privada e filantrópica, mantém um curso de Licenciatura em Artes Visuais, em Campo Grande, no período noturno, o mesmo ocorrendo na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Ponta Porã, cidade localizada na fronteira com o Paraguai, também uma instituição privada. O único curso de Bacharelado em Artes Visuais foi criado em 1997, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Em média, as estruturas curriculares destes cursos oferecem 200 horas da disciplina História da Arte, dividida entre Estética e História da Arte e História da Arte Brasileira. Observa-se a presença das disciplinas História da Arte, no curso de Letras da UFMS; His-

tória da Arte e História da Arte Brasileira; História da Arquitetura e História da Arquitetura Brasileira, também nos cursos de Arquitetura e Urbanismo da UFMS e da Universidade para o Desenvolvimento da Região e do Pantanal – UNIDERP/Sistema Anhanguera. A disciplina História da Arte integra, ainda, o currículo dos cursos de Turismo e de Design: projeto de produto – comunicação visual, da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB.

Uma perspectiva de ampliação dos estudos e pesquisas na área foi aberta com a implantação do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens, em 2006, no Departamento de Letras do CCHS/UFMS – Campus de Campo Grande, que agregou os professores doutores do Departamento de Artes e Comunicação, e vem produzindo trabalhos acadêmicos na área.

Atente-se que uma das dificuldades locais, perfeitamente compreensível dado o afastamento geográfico do Estado, é a fixação de profissionais qualificados, especializados na área. Esta situação começa a se modificar na medida em que novos mestres têm sido formados e vêm assumindo os cargos de professores por meio de concursos públicos. O processo de qualificação geralmente é feito fora do Estado, uma vez que programas em nível de doutoramento existem apenas nas áreas de Educação, de Ecologia e de Agronomia.

Considerados estes aspectos, é necessário ainda lembrar que a história de Mato Grosso do Sul, enquanto estado independente, tem início em 1977, com a divisão do Estado de Mato Grosso, o que acentua uma “busca de identidade cultural” para o Estado, com implicações em termos de produção artística e histórica. O debate sobre as questões identitárias é freqüente e ocupa grande parte das pesquisas e reflexões, conforme veremos a seguir.

Os trabalhos voltados para a historiografia da arte local, mais difundidos, têm caráter enciclopédico, cumprindo a função de registro / informação e enumeração. São eles: *Artes plásticas no Centro-Oeste*, de Aline Figueiredo (1979), publicado logo após a divisão do estado de MT, utilizado como referência para os estudos da arte e da cultura na região. O modelo é o *Dicionário das Artes Plásticas no Brasil*, de Roberto Pontual; *Memória da Arte em MS – Histórias de vida*, de Maria da Glória Sá Rosa, Idara Duncan e Maria Adélia Menegazzo (1992), adotou como método as histórias de vida, elegendo personagens síntese de cada área, mas não ficou restrito às artes plásticas, contemplando também a música, a literatura, o cinema e o teatro. As entrevistas foram gravadas em vídeo e editadas, ao final, por Joel Pizzini; *Manifestações culturais em Campo Grande – apontamentos para uma história*,

de Maria Adélia Menegazzo e Maria da Glória Sá Rosa, capítulo do livro *Campo Grande, 100 anos de Construção* (1999); *História da Arte em Mato Grosso do Sul*, de Maria da Glória Sá Rosa, Idara Duncan e Yara Penteado (2005), volta à forma enciclopédica; de autoria do arquiteto Ângelo Marcos Vieira de Arruda: *Campo Grande: arquitetura, urbanismo e memória*, 2001; *Campo Grande: Arquitetura e Urbanismo na década de 30*, de 2000; *A Arquitetura em Campo Grande*, 1999.

Todos estes livros estão com edições esgotadas e foram publicados por editoras locais, a maioria pela Editora da UFMS, que possui conselho editoria qualificado, revelando que existe uma demanda por este tipo de material. Invariavelmente fazem parte da bibliografia recomendada para concursos públicos.

Há também relatórios de pesquisas que não foram publicados como – *Caminhos da Arte Sul-mato-grossense – A Pintura e o Desenho – os anos 1980*, coordenado por Darwin Antonio Longo de Oliveira e Maria Adélia Menegazzo (1990), cujo objetivo era criar um banco de imagens para aulas de arte regional; *Primitivos e Ingênuos nas artes plásticas sul-mato-grossenses* – de Maria Luiza Thomé Neta (PIBIC) e Maria Adélia Menegazzo (orientadora) (1990); *Levantamento das coleções de artes visuais públicas e privadas da cidade de Campo Grande – MS* – coordenado inicialmente por Luiz Edegar de Oliveira Costa e, posteriormente, por Carla Maria Buffo de Cápua (1997); Inventário Nacional de Referências Culturais – IPHAN – voltado para a cultura imaterial – foi realizado em 2007.

Muitos trabalhos acadêmicos voltam-se para a cultura local, mas também a ultrapassam: *L'influence des cultures indigènes sur l'art contemporain au Mato Grosso du Sud (Brésil)*, 2001. Tese de doutorado em Antropologia defendida na Université Paul Valéry, Montpellier III, de Carla Maria Buffo de Cápua; *Imaginário e representação na pintura de Lídia Baís*, de Paulo Roberto Rigotti – originalmente dissertação de mestrado em História pela UFMS, defendida em 2003, publicada como livro em 2009; *Narrativas, grafemas e escrituras na pintura*, dissertação defendida em 2008, junto ao Mestrado em Estudos de Linguagens – UFMS, de Priscilla Paula Pessoa; *Interatividade, virtualidade e imersividade: níveis de participação na obra contemporânea*, dissertação defendida junto ao Mestrado em Estudos de Linguagens, por Venise Paschoal de Melo, em 2008; *A formação cultural e educacional nos museus de arte*, dissertação de Mestrado, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS, em 2008, por Rafael Duailibi Maldonado; *As cores do nacionalismo e a diversidade: educação e artes plásticas no período*

modernista, de Lúcia Monte Serrat Alves Bueno, dissertação de Mestrado em Educação, na UFMS, defendida em 2001; *Em busca do foco: a educação escolar em arte através de um olhar estético e psicanalítico*, dissertação de Mestrado em Educação, na UFMS, de Maria Celene de Figueiredo Nessimian, defendida em 2001; *“Ladeira do Porto Acima ...” Breve estudo da arquitetura moderna em Corumbá*, Monografia defendida por João Bosco Urt Delvizio, no curso de Especialização em Ambientes Contemporâneos: Espaço, Linguagem, Comunicação, na UNIDERP, em 2001; do mesmo autor, *Patrimônio Arquitetônico de Corumbá: um olhar sobre a arquitetura moderna na perspectiva da memória e do Desenvolvimento Local*, dissertação de mestrado em Desenvolvimento Local, defendida em 2004, na UCDB; *Arte aqui é Mato: identidade plástica nos limites fronteiriços de Mato Grosso do Sul*, 2009, de Marcos Antônio Bessa-Oliveira, trabalho de iniciação científica que faz a crítica ao tipo de abordagem dos trabalhos artísticos na região.

Em 2006, no esforço de orientar e tornar mais efetivo o trabalho dos professores de arte das escolas estaduais de ensino fundamental e médio com a cultura local, a Fundação de Cultura e a Secretaria de Educação de MS, organizaram um kit didático-pedagógico, intitulado *Cultura e Arte em Mato Grosso do Sul*, composto de livro base; livro de propostas abertas; série de pranchas com imagens artísticas e históricas e filme documentário da cultura e da arte sul-mato-grossense. A Secretaria de Educação do Município de Campo Grande realizou trabalho semelhante, resultando em livros, CDs e vídeos para o trabalho nas escolas. Ambos os trabalhos foram coordenados por Maria Celene de Figueiredo Nessimian e Lúcia Monte Serrat Alves Bueno, professoras do Curso de Artes Visuais da UFMS. Os textos do livro base foram escritos por professores e pesquisadores locais, especialistas das diversas áreas.

É importante lembrar que o Estado possui o Museu de Arte Contemporânea de MS – MARCO, e o Museu da Imagem e do Som – MIS, cujos acervos ainda não foram avaliados do ponto de vista histórico-artístico. Além desses, possui também um museu histórico-etnográfico e vários centros culturais.

Embora muito já tenha sido feito, para se chegar a um trabalho historiográfico mais efetivo, pensamos que seria necessária uma inserção mais agressiva do especialista em todos os níveis: do artista que reflete sobre sua produção deixando de fazê-lo apenas sob a ótica do reflexo e à sombra do poder público; do crítico que amplia sua visão da obra e do espaço da arte indo além dos limites geográficos,

institucionais, relacionando a obra com a história da arte, na e para a construção dessa história; do museólogo que entende o espaço expositivo como espaço de percepção, troca e construção do sentido e não como palco para um *décor* localista. A conseqüência talvez pudesse ser a especialização do público para uma recepção que possa efetivamente ampliar seus horizontes de expectativas.

Por exemplo, a discussão a respeito da produção artística fora da rota principal da cultura brasileira, hoje não mais restrita ao eixo Rio – São Paulo, mas ainda a ele subalterna, voltou-se durante muito tempo para o embate universal x regional ou, ainda, urbano x rural, impedindo maiores avanços na avaliação crítica do material ali produzido, uma vez que houve uma simplificação das análises ao mero delineamento de uma “identidade regional” reduzida a figurativizações nas quais se poderia reconhecer um espaço limitado geograficamente. Esta tem sido uma dessas barreiras.

A convicção de que o regionalismo não está circunscrito a objetos e de que a discussão não está localizada em pontos geográficos específicos, leva-nos, com freqüência, a enfrentá-lo. Desse modo, por mais que se considere a discussão acerca da identidade cultural, singular ou plural, pública ou privada, como tema gasto e desgastado, o fato de a questão permanecer em pauta pode ser lido como receio de que ela, a identidade, seja contaminada, perdida ou dissolvida e, com isso, mantém-se o impasse e a volta constante ao mesmo tema. Desenvolve-se também uma espécie de apagamento da reflexão crítica.

Assim, a retomada das visões críticas da categoria regionalismo, nas suas diferentes flexões, tais como nacionalismo, transculturação, mestiçagem, tradução, permitiriam ler a paisagem e o homem em estreita simbiose na configuração dos imaginários locais. No caso de MS há um “modelo” de produção realista que incentiva a valorização dos atrativos naturais da região, bem como um viés romântico no tratamento do objeto artístico. A saída talvez fosse a definição de uma “estética regionalista”, cujas marcas seriam discutidas em confronto com conceitos de (des)territorialização, fronteiras múltiplas e identidades plurais, que nos aproximassem do debate contemporâneo sobre identidades, possibilitando a superação dos impasses implícitos nas dicotomias. Não se pode desprezar o fato de que Mato Grosso do Sul faz fronteira (seca) com dois países – Bolívia e Paraguai, e divisa com cinco Estados. O trânsito cultural não pode ser negligenciado. Por outro lado, é preciso verificar em que medida se poderia compreender essas representações como próprias de um dado local tendo em vista as circunstâncias midiáticas da atualidade. Estas são questões para serem ainda/também discutidas.